


Ignacio Vázquez Diéguez

Universidade da Beira Interior, Portugal
jivd@ubi.pt

Ana Belén Cao Míguez

Universidade da Beira Interior, Portugal
abcm@ubi.pt

 <https://orcid.org/0000-0002-7938-5446>

 <https://orcid.org/0000-0002-0642-4459>

O PORTUGUÊS DE INÍCIOS DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DAS TRADUÇÕES DO ESPAANHOL LIGADAS À GUERRA PENINSULAR

Portuguese language at the beginning of the 19th century through translations from Spanish linked to the Peninsular War

ABSTRACT

The aim of this paper is to show a record of the state of the Portuguese language at the beginning of the 19th century, when the changes that led to contemporary Portuguese began to be produced and consolidated, using a representative sample of translations from Spanish to Portuguese linked to the Napoleonic invasions. As these sources are texts in which the Portuguese language meets the Spanish language through translation, we also observe some phenomena or occurrences that result from this.

KEYWORDS: Portuguese, 19th century, Spanish, translation

1. INTRODUÇÃO

Entre os anos 1808 e 1814 circulou em Portugal uma miríade de traduções de textos espanhóis que quebrou a tónica geral antes e depois dessas datas, em que a língua (e a cultura) dominante do ponto de vista das importações era, no panorama editorial português, a francesa. As referidas traduções do espanhol, que ultrapassam largamente a centena, estão todas elas relacionadas com um mesmo acontecimento histórico: a Guerra Peninsular¹.

A partir de uma amostra representativa desse *corpus* de traduções do espanhol para o português vinculadas às invasões napoleónicas, pretende-se neste trabalho deixar

¹ Este evento constitui um primeiro ponto de inflexão no estreitar das relações político-culturais entre Portugal e Espanha após a Restauração – precisamente quando a França napoleónica invade a Península Ibérica –, pois é anterior à aproximação, mais conhecida, que se produz pelos meados da mesma centúria com o dealbar do Iberismo.

constância do estado da língua no início do século XIX, altura em que se começam a produzir e consolidar as mudanças que conduzem ao português contemporâneo. Tratando-se de textos em que a língua portuguesa entra em contacto com a espanhola através da tradução, observar-se-ão, igualmente, alguns fenómenos ou ocorrências que poderiam daí decorrer.

Com o intuito de tornar a nossa tarefa exequível no espaço de que dispomos, restringimo-nos ao ano de 1808, em que foram publicados uns 70 títulos pertencentes a esta literatura panfletário-patriótica traduzida da língua espanhola. Desses, seleccionámos 14 para procedermos a um levantamento exaustivo dos fenómenos relevantes do ponto de vista diacrónico que os referidos textos nos permitiam documentar. O acesso quer às traduções, quer às respetivas versões originais foi o principal critério para a escolha, uma vez que, mesmo não sendo a finalidade realizar uma análise relativa às opções e estratégias tradutológicas seguidas, para os objetivos da nossa investigação tornava-se imprescindível poder confrontar os textos de partida com os traduzidos.

Antes de darmos conta dos principais resultados da nossa pesquisa, focando-nos naqueles aspetos que julgamos de maior interesse da perspetiva da história da língua, delinaremos uns breves (mas necessários) apontamentos acerca dos traços mais salientes, no plano ortográfico-fonético, do período em que se enquadram os textos do nosso *corpus*.

2. SOBRE A ORTOGRAFIA E AS MUDANÇAS FONÉTICAS DO PERÍODO

Em linhas gerais, a história da grafia da língua portuguesa pode ser dividida em três períodos:

- (i) fonético, das origens ao século XVI;
- (ii) pseudoetimológico, do século XVI a 1911;
- (iii) moderno, de 1911 até hoje.

Se no primeiro período, perante a ausência de um padrão, há tendência para representar foneticamente os sons da fala, a partir do Renascimento a língua relatiniza-se e vão reaparecendo grafias que já não representavam nenhum som. Uma certa pretensão, acreditando tornar a língua mais culta e digna das suas origens, favoreceu esta ortografia (pseudo-)etimológica, com grafias muitas vezes disparatadas. Neste período também não existia coerência entre os escritores, resultando numa ortografia heterogénea. Já ao longo do século XIX, foi-se sentindo a necessidade de pôr cobro à anarquia na escrita, até que em 1911 o Governo nomeou uma comissão para estabelecer a grafia que deveria ser utilizada nas publicações oficiais, simplificando-a. Deu-se assim início ao processo que, após várias idas e vindas, desembocou no atual Acordo Ortográfico de 1990.

Quanto às mudanças fonéticas, ao longo dos séculos XVI e XVII (português clássico) foram-se consagrando as soluções fonéticas da língua padrão²:

- no vocalismo:
 - (i) tónico: [i], [e], [ɛ], [a], [ɔ], [o], [u],
 - (ii) átono em posição interna: [i], [e], [a], [o], [u], e em posição final: [i], [a], [u],

² Leiam-se: Brocardo (2014); Cardeira (2006); Castro (2006); Silva, Osório (2008); Teyssier (1980).

- (iii) ditongos decrescentes [ej] <ei> e [ow] <ou>,
- (iv) soluções nasais [ẽw̃] <-ão>/<-am>, [ẽj̃] <-ãe> e [ẽj̃] <-em>/<-ém>;
- no consonantismo:
- (v) diferenciação entre sonoras e surdas nas fricativas dentais [s], [z] e palatais [ʃ], [ʒ],
- (vi) conservação da africada [tʃ] <ch>.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, produziram-se as mudanças seguintes que vão conformando o português atual:

- no vocalismo:
- (i) acréscimo de iode [j] entre vogais que se encontram após a queda do [n] intervocálico (*cadea* > *cadeia*, lat. CATĒNAM), e que atingirá outras soluções não latinas (*ideia*, *aldeia*),
- (ii) a posição átona interna passa de cinco vogais: [i], [e], [a], [o], [u] a quatro: [i] <i>, [i] <e>, [ɐ] <a>, [u] <o>, <u> (*p[i]nhal*, *m[e > i]sinha*, *c[a > ɐ]sinha*, *c[o > u]mer*, *r[u]ral*),
- (iii) a posição átona final passa de [i], [a], [u] a [i], [ɐ], [u] – elevação de [i] e [a] (*nom[i > i]*, *cas[a > ɐ]*, *livr[u]*),
- (iv) confusão entre [ow] e [oj] (*cousa* ~ *coisa*),
- (v) monotongação [ow] > [o], na escrita <ou>,
- (vi) ditongo nasal [ẽj̃] eleva-se para [ẽj̃], na escrita (*viag[ẽj̃ > ẽj̃]*);
- no consonantismo:
- (vii) relaxamento das oclusivas sonoras intervocálicas [b], [d], [g] > [β], [ð], [ɣ] (fricativas), na escrita , <d>, <g>,
- (viii) desafricação [tʃ] > [ʃ], na escrita <ch> ([tʃ > ʃ] *egar*),
- (ix) palatalização [s + cons. surda] e [-s] > [ʃ], na escrita <s> ou <z> (*casa[s > ʃ]*, *ve[s > ʃ]*),
- (x) palatalização e sonorização [s + cons. sonora] > [ʒ], na escrita <s> (*me[s > ʒ]mo*),
- (xi) início da pronúncia do erre uvular [ʁ], na escrita <r>, <cons. + r> ou <-rr-> (*ca[r > ʁ]o*).

3. ANÁLISE DO CORPUS

3.1. ASPETOS ORTOGRÁFICOS

Nem sempre é possível ver refletidas todas estas mudanças na escrita dos textos em foco, mas sim algumas. Vejam-se os exemplos a seguir, referidos ao vocalismo e consonantismo especificados na epígrafe anterior (só itens onde há registos).

- (i) Iode [j]: ainda não se grafa, mas aparecem acentos que indicam a sua pronúncia. Encontramos exemplos em todos os textos consultados³ (*cadêas, idéa, patentêa, véas, Basiléa*) e mesmo um caso em que se vê a tendência para generalizar o iode nos verbos acabados em *-ear, presencêem* (R6).
- (ii) Posição átona interna: a ortografia revela essa mudança, como atesta o exemplo de *piqueno* ([pi'kenu] e já não [pe'kenu] ‘pequeno’). Deparamo-nos com dois casos em que o som vocálico desaparece: *prigo* ‘perigo’ e *supriores* ‘superiores’; a sequência [e] > [i] > [-] responde à tendência da língua apontada por Castro (2006: 145) quando escreve: “Por razões prosódicas, o português europeu moderno, na sua pronúncia lisboeta, frequentemente prescinde da articulação de [i], o que constitui uma dificuldade da sua aprendizagem. Assim, não [i]’piritu] mas [j’piritu], não [pi’didu] mas [p’didu], não [’frêti] mas [’frêt]”.

Ainda relativamente a este som, quando há palavras com dois is átonos, o [i] da primeira sílaba tende a ser pronunciado [i] (hoje *militar* [mili'tar], *Filipe* [fi'lipi]). Encontramos a forma verbal *deviso* ‘diviso’, em que o <e> a negrito tenta representar essa pronúncia. Acontece, também, no vocábulo *descordia* ‘discórdia’ (R4). Outros casos são *similhante* ‘semelhante’ e *dispotismo* ‘despotismo’. Duas ocorrências apresentam uma tentativa gráfica de aproximar-se do som [i]: *rodeiado* e *peior*. Em ambos os casos, esse [i] representa o som precedente da moderna semiconsoante [j]: *rodeado* [ʁu'djaðu], *pior* [’pjɔr] (aqui triunfou a grafia respeitando a fonética).

Encontramos a palavra *enfeze* ‘ênfase’, em que o <e> a negrito indicaria a elevação da vogal [a] para [ɛ], mais próxima na articulação de um [e]/[i] do que de um [a]. Temos ainda o particípio *descuberto* (R6), em que se aprecia a elevação da vogal átona [o] para [u] (sem que se possa descartar, todavia, um eventual influxo ortográfico do castelhano). Encontra-se um caso de vacilação na escrita do [u] átono: *tomulto*. Registam-se as formas *podeste* e *opozeste*; nestes casos, Said Ali (1964: 141–143) aponta que eram as próprias da altura.

Merecem, a nosso ver, ser comentadas duas formas, *comprimentar* ‘cumprimentar’ e *anthusiasmo* ‘entusiasmo’. Os estudos de fonética do português atual apresentam o fenómeno da redução vocálica apenas nas vogais orais; contudo, verifica-se essa redução também nas nasais, tal como nos exemplos expostos.

- (iv) Confusão [ow]/[oj]: *coiraceiros* (lat. CORIUM), substantivo que os dicionários atuais remetem para *couraceiros*; a forma dos textos é etimológica.

Ainda no vocalismo, registam-se vogais esvarabáticas, como é o caso de *electerisalla* ‘eletrizá-la’.

- (viii) Desafricação [tʃ] > [ʃ] <ch>: registamos o adjetivo *cabisbacho* por ‘cabisbaixo’ [kɛbiʒ'baʃu]. Nos textos também se lê *baixo*. A utilização da grafia <ch> no primeiro caso e de <x> no segundo para o mesmo som [ʃ] indica a desafricação anunciada. Por outro lado, na forma em questão aprecia-se a monotongação do ditongo [aj] > [a], também observada em “beja a sua mão” (R5), [ej] > [e] ‘beija’; talvez uma marca da variedade dialetal dos tradutores.

³ Pelas limitações, não indicamos as fontes donde retirámos as ocorrências. Quando necessário, remetemos para o número de registo (doravante, R) constante da Bibliografia.

No que diz respeito à ortografia flutuante com que se depara o leitor (a do período pseudo-etimológico), oferecem-se a seguir alguns exemplos:

- casos onde a letra <h> é etimológica: *Hespanha* (lat. HISPĀNIA) e *hespanhoes*, *prohibir* (lat. PROHIBĒRE);
- casos em que a letra <h> não é etimológica: *hum* (lat. ŪNUM), *he* (lat. EST), *hião* (lat. ĪBANT, de ĪRE, R3 e R5), *hontem* (lat. AD NOCTEM, R5); por vezes, escreve-se para indicar a existência de um hiato: *sahem*, *sahiu*, *sahir* (lat. SALĪRE), *cahindo*, *cahe* (lat. CADERE, R5);
- conservação de grupos duplos de consoantes nunca pronunciados no português: *apetecido* (lat. *APPETESCERE < APPETERE), *ella* (lat. ILLA), *comettidos* (lat. COMMITTERE), *tyranno* (lat. TYRANNUM < gr. τύραννος), *súpplica* (lat. SUPPLICĀRE), *annunciar* (lat. ANNUNTIĀRE), *sello* (lat. SIGILLUM), *summa* (lat. SUMMA), *attentado* (lat. ATTEMPTĀRE), *officio* (lat. OFFICIUM), *fallar* (lat. FĀBULĀRE), *socorro* (lat. SUCCURRERE), *scena* (lat. SCĒNAM), *scismar* (lat. SCHISMA < gr. σχίσμα), *successores* (lat. SUCCESSŌRES), *distinctos* (lat. DISTINCTUM), *exaggerada* (lat. EXAGGERĀRE);
- conservação de grupos cultos: *protecção* (lat. PRŌTĒCTIŌNEM), *Catholicismo* (lat. CATHOLICUM < gr. καθολικός), *lethargo* (lat. LĒTHARGUM < gr. λήθαργος), *victima* (lat. VICTIMA);
- conservação de letras que fazem referência à etimologia: *symbolo* (lat. SYMBOLUM < gr. σύμβολον), *Martyr* (lat. MARTYR < gr. μάρτυς, -υρος), *typographia* (lat. med. TYPOGRAPHIA < gr. τύπος + -γραφία) (R5);
- conservação de <ph> com valor fonético de [f]: *typographia* (cf. acima);
- os ditongos [ew]/[iw] dos passados escritos <eo>/<io>: *extendeo*, *emprehendeo*, *produzio*, *reduzio*, *resistio*, etc.;
- ditongos acabados em [j] grafados com <e>: *destroe*, *cahe*, etc.;
- ditongos [ew], [aw] e [wa] escritos <eo> (*athêo*, *Deos*, *réo*), <ao> (*gráo*, R3 e R5) e <oa> (*lingoa*);
- flutuação gráfica do ditongo nasal [ẽw̃]: *proclamação*, *habitão*, *conservão*, *Napoleaõ*, *acçaõ*, *direcçaõ*, *impressam*, etc.; hoje, usa-se <ão> quando o ditongo é tónico nos verbos ou átono nalguns nomes e adjetivos (*órgão*, *órfão*) e <am> quando é átono nos verbos;
- ditongo nasal plural [õj] grafado <oens> e <ões>: *acçoens*, *inclinaçãoens* (R5), *gerações*;
- acentuação vacilante das agudas acabadas no ditongo nasal [ẽj] que já começava a pronunciar-se [ẽj]: *tambem*, *porém*, etc.; encontramos ainda *mãi* ‘mãe’ (R5);
- plural de <-ã> em <-ans>: *Christans* (R6); no mesmo texto aparece no singular *Grã Bretanha*;
- não acentuação das palavras acabadas em hiato ortográfico: *voluntaria*, *execraveis*, *palacios*, *violencia*, etc.;
- acentuação de palavras agudas acabadas em *-is*: *Paris* (R1), *ardis* (R5);
- palavras esdrúxulas nem sempre acentuadas: *súpplica*, *proxima*, *exito*, *pérfidos*, etc.;
- acentuação diacrítica inexistente na atualidade: *duvida* (verbo), *encontrárão* (passado), *pública* (verbo), *acharáõ* (futuro), *sáhiaõ* (presente do conjuntivo);

- acentuação *á, ás* na contração da preposição e o artigo definido feminino;
- acentuação (diacrítica) que mostra a vogal aberta <^> ou fechada <^> tónica: *póvos, écos, Escóla, vóa, propóz, despréza, impéra, resóe, pódem, pôz, côres, pudôr, cóllo* ‘pesçoço’ (R10), *vêdes* (de *ver*), etc.; mas também observamos exemplos de vogal átona, *córagem* (hoje [ku'razẽ]), *jámais* [ʒa'majj] (R4 e R6);
- acentuação esporádica do hiato fónico [ia]: *sería* (R1 e R5), *galerías* (R5), etc. face a *corria* (no mesmo R5);
- escrita igual para a 3ª pessoa singular e plural do presente do indicativo de *ter*: *tem*;
- escrita do [z] como <z> sem atender à etimologia: *francezes, francez, mez, países, portugueses, marquez, prizioneiros, Luiz, defeza, preza*, etc.; contudo, aparece sempre a forma *infelices* (p. ex. R1 e R6); outras vezes, grafa-se com <s>: *oficial-sinho, jovensinho, pobresinho, Reisinhas* (nestes casos, diminutivos);
- escrita do [s] flutuante: *cançado* (R3 e R5), *socego* (R4), *assucar* (R6), *ancioso*, etc.; salientamos o caso *serrar* por *cerrar* ‘escurecer; fechar’: “porque durante a sua marcha serrou a noite, por isso [o exército] não entrou na acção” (R8);
- escrita com a forma <es>, em lugar de <is>, nos plurais do ele: *hespanhoes, cabe-daes, taes, reaes*, etc. salvo quando o singular é *-el* (*papeis, execraveis*, etc.);
- observam-se metáteses: *pertendias, pertende* (R3), *pertendo* (R5), todas de *pretender*;
- para acabar, acrescentamos o uso de maiúsculas (como antes do Acordo) em substantivos entendidos como generalizadores, hierárquicos, etc., mesmo quando no texto original aparecem grafadas com inicial minúscula: *Povo, Rei, Rainha, o Corso, Historia do Mundo, Maio, Ministros, Orbe, Habitantes, Romanos*, etc.

3.2. ASPETOS MORFOLÓGICOS

3.2.1. FORMAS VERBAIS

- Mantém-se a 2ª pessoa do plural: *vistes, duvideis, consultai, quereis, ouvi, tremei, fostes, terdes mofado*. Por vezes, registam-se formas com ditongo final anómalo, como em *fosteis* (‘fostes’, R4) ou *désteis* (‘destes’, R6), em que, certamente, atua a analogia com todas as outras formas da 2ª pessoa do plural da conjugação, sempre acabadas em ditongo;
- futuro imperfeito, com mesóclise, onde ainda se percebe a origem perifrástica da forma, com o auxiliar *haver* escrito com <h>: *atrever-me-hei*;
- perífrase de futuro com a preposição *a*: “disponha-se de pressa [dirigindo-se a Murat], porque se vai a levantar o panno” (R1), “quando [os franceses] hiaõ a queima-las [as cidades]” (R5); nos originais espanhóis surgem perífrases <ir + a + infinitivo> nos dois casos;
- utilização do pretérito mais-que-perfeito composto do conjuntivo com auxiliar *tivera* e não *tivesse*: as gramáticas (p. ex. Cunha, Cintra 2013 e Bechara 2019) indicam que o imperfeito do conjuntivo pode ser substituído pelo mais-que-perfeito simples como um traço estilístico de linguagem solene (para além da sua fixação em frases exclamativas: *Quem me dera!*); esta informação poderia levar-nos a pensar que no mais-que-perfeito composto também poderia ser, contudo, as referidas

gramáticas nada indicam. Assim, o exemplo seguinte poderia ser plenamente português ou decalque do espanhol (nós optamos por esta solução): “Se o Príncipe Regente de Portugal não se tivera trasladado ás margens do Rio de Janeiro” (R6, no espanhol original “no se hubiera trasladado”). Já funcionaria o afirmado nas gramáticas em “muito vos alegraríeis de que estivera no Tartaro” (R6, no original “que estuviera en el Tartaro”);

- utilização do mais-que-perfeito composto do indicativo com auxiliar *haver*, muito frequente nos textos (hoje é literário e culto): “a virtuosa Josefina havia-se prostrado aos pés de Fernando”;
- emprego do pretérito perfeito composto (PPC) do indicativo⁴, umas vezes com o auxiliar *ter* e outras com *haver*, com valores temporais equivalentes ao pretérito perfeito simples (PPS) em que não se evidenciam os valores aspetuais iterativos que hoje lhe são próprios. Por exemplo: “huma cruel victoria tem obtido” (R9, original: “ha conseguido”); “[o crédulo Rei de Prussia] tem pago a sua debilidade com a perda de ametade dos seus Estados” (R6, original: “ha pagado”); “nunca a hei conhecido [a honra]” (R9, original: “he conocido”); “[fallou a sua ama], e esta que sempre ha sido summamente amavel e generosa, quiz conhecer...” (R9, original: “ha sido”) e “o bom exito, que teve esta empreza, de que ha sido uma consecuencia quanto tem feito depois” (R9, original: “ha sido”).

Relativamente a estas ocorrências, não é fácil determinar a que se devem. Teyssier (1989: 267) aponta que o PPC “tem em português um sentido muito preciso: exprime a repetição ou a continuação de uma acção ou de um estado até ao momento presente”, corroborado mais recentemente por Raposo *et al.* (2013, vol. I e II). Na língua espanhola, o *pretérito perfecto compuesto* (*he cantado*) é usado para se referir a ações ou situações passadas que continuam até ao presente (RAE 2009), não implica o uso iterativo do português e o verbo auxiliar é sempre *haber*.

Quanto à formação deste tempo verbal, Teyssier, na mesma obra, indica que os tempos compostos são constituídos pelo particípio passado precedido do auxiliar *ter* (ou *haver*). Assinala que “Na língua actual, *haver* já não existe como auxiliar senão em certos registos da linguagem escrita, em particular no Brasil. É pois *ter* que convém adoptar” (Teyssier 1989: 190). Outras gramáticas contemporâneas especificam que os tempos compostos podem utilizar *ter* ou *haver*, sendo este muito infrequente. Em Bechara (2019: 323), por exemplo, pode ler-se “*pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado”, sem indicar se as formas com *haver* são usadas de modo totalmente sinónimo àquelas construídas com *ter*. Por outro lado, em Cunha, Cintra (2013), tal como em Raposo *et al.* (2013, vol. I), os compostos com *ter* ou *haver* aparecem em todos os tempos menos no PPC do indicativo, em que só aparece *ter* (*tenho cantado*).

Perante esta informação, precisa-se uma aproximação diacrónica do fenómeno para tentar discernir se os casos que aparecem nos textos (muitos) são usos corretos no português da altura ou decalques do espanhol. Assim, segundo Brocardo (2014) a emergência da forma perifrástica <HABÈRE + particípio> ao pé do PPS (*Vi / tenho visto*

⁴ Como Raposo *et al.* (2013, vol. II: 527–528), consideramos que os por vezes chamados tempos compostos do português, construídos com o auxiliar *ter*, “constituem, na realidade, um tipo de perífrase verbal”.

o João) só indicava valores temporais diferentes. No decorrer da língua, mais tarde, em português adquire valores aspetuais (iteratividade, indicado por Teyssier acima, entre outros) ou continuidade até ao presente (como no espanhol). Afirmar a mesma autora que “O PPC constrói-se em português contemporâneo com *ter*, de TENÈRE” (Brocardo 2014: 141), e esclarece que o facto de *haver* ter sido substituído por *ter* e ter desenvolvido essa característica da iteratividade não decorre do auxiliar, uma vez que nos outros tempos (p. ex. o mais-que-perfeito) concorrem *haver* e *ter* e não possuem o valor iterativo. Para a mesma estudiosa, os valores aspetuais do PPC não se atestam nas formas de *tenholhei feito* registadas no português antigo e médio. Aponta ainda que “A mudança que viria a determinar uma diferenciação decisiva dos valores aspetuais marcados pelo PPC em relação ao PPS terá, portanto, ocorrido posteriormente à inovação formal correspondente à substituição de *haver* por *ter* como auxiliar” (Brocardo 2014: 147). Os estudos diacrónicos indicam que a concorrência entre os dois auxiliares começou cedo e, por volta do século XV, “*ter* foi conquistando o espaço de *haver*” (Osório 2004: 243).

3.2.2. PRONOMES

- Quanto às formas de tratamento pronominais, ordinariamente regista-se *vós* para se dirigir ao povo, aos soldados valorosos, etc. e *tu* para atacar qualquer personagem francesa, com intuito ofensivo;
- regista-se a forma *vós outros*, “E vós outros[,] Jovens generosos” (R2), que marca uma proximidade face à forma geral *vós*, generalizadora;
- surge o pronome átono enclítico da 3ª pessoa na sua variante *lo*, *la*, escrito com grafia dupla antietimológica: *arrastallas* ‘arrastá-las’, *ouvillo* ‘ouvi-lo’, etc. Trata-se de uma solução que mostra a aglutinação do *r* do infinitivo com o *l* do pronome de acusativo, grafado com dois eles por assimilação regressiva. Apenas num dos textos analisados (o R5), a solução passa por usar hífen, como na atualidade (incluindo, até, a acentuação gráfica, que vai além das regras de hoje): “Esperava, que as Aguias do Imperio Francez, levantando o vôo, viriaõ cobrí-la, e rodeá-la contra os insultos das Aves do Mar... | Naõ era possível nivelá-las com a razão | para organizá-lo [o corpo político], vigorá-lo, e animá-lo...”. Nos restantes casos, aparece o hífen: *dizei-o*, *subministrar-lhes*, etc.;
- registam-se futuros sem mesóclise, como no exemplo seguinte: “Buscaraõ-se traidores pelas partes contractantes, (...) allucinaõ-se com exagerados prémios; com títulos, e cargos brilhantes; repartiraõ-se grandes Aguias” (R6).

3.2.3. OUTROS ITENS

- Apócopes hoje inusitadas: “grã demencia”, “Mui queridos”, “mui inferiores”;
- ausência de artigo definido precedendo o possessivo em casos onde hoje seria habitual no português europeu: “suas propriedades, sua segurança”, “vossa Nação, nossas Colonias”, “em meu Discurso”, “V. m. terá roubado em suas santas peregrinações”;
- flutuação no uso do artigo à frente dos topónimos: “da Galliza”, “de Catalunha”, “ao Egypto”, “de Hespanha”, “de Italia”, “de Sardenha”, “do Brazil”;
- nas contrações da preposição *em*, grafias obsoletas (“em a noite”) ou com apóstrofo (“n’huma situação”).

3.3. ASPETOS SINTÁTICOS

- Queda da conjunção completiva: “Ihe supplica caminhe para a França” (R3), “peço-te em recompensa sejas amigo do povo Romano” (R5);
- em orações afirmativas simples, pronome átono em posição proclítica, especialmente quando se quer imprimir um teor solene: “o universo vos contempla”, “o Ceo vos destina para serdes”, “Deus vos assistirá”, etc.

3.4. ASPETOS LEXICAIS

- Presença de galicismos: *wallon* (galicismo ortográfico), *prebostes*, *chambre*, etc.;
- formas estranhas: *madrilhenos* (por ‘madrilenos’);
- neologismos: “familia Napoleoa” (adjetivo a partir de *Napoleão*);
- topónimos: além do curioso *Sam-Tiago*, alguns aparecem transcritos consoante a tradição (*Cordova*, *França*, *Hollanda*, *Irum*, *Valença* para Valência, etc.) e outros adequam-se à pronúncia real (*Lhobregat*, em catalão *Llobregat* [lʎɔβrɐˈɣat]); às vezes, mal resolvidos: *Aranguez* (Aranjuez com [x]), *Cuença* (Cuenca com [k]);
- algum decalque do espanhol, como *todavia* por *ainda* (esp. *todavía*; R6).

4. PARA CONCLUIR

Oferecemos nestas páginas um elenco de fenómenos registados no nosso *corpus* que, segundo acreditamos, permitem conhecer um pouco melhor o estado da língua portuguesa no início do século XIX. De todos os aspetos acima enumerados, há um que gostaríamos de destacar em jeito de conclusão do nosso trabalho. Via de regra, deparamo-nos com um conjunto de traduções que apresentam soluções idiomáticas, com outras que, como já vimos, são suscetíveis de encarar-se como decalques do espanhol, se bem que de forma mais esporádica. É esse o caso das formas não iterativas do (dito) PPC (<*ter/haver* + participio>), as quais constituem, do ponto de vista semântico-morfológico, as que mais chamaram a nossa atenção. A esse respeito, resulta quando menos curioso que algumas dessas formas (nomeadamente as que recorrem ao auxiliar *ter*) não tenham, a nosso juízo, as nuances iterativas que apresentam hoje – e que começam a datar-se, pelo que verificámos na literatura, a partir do século XVI. Assim, não parece que estas ocorrências possam estar a atestar um uso próprio do período estudado.

BIBLIOGRAFIA

TEXTOS TRADUZIDOS

- R1 = [s.n.], 1808, *A morte de Murat. Scena tragica, ou semi-unipessoal joco-serio. Por D. V. M. Y. M. Tradadado do hespanhol*, Lisboa: Officina João Evangelista Garcez.
- R2 = [s.n.], 1808, *A vingança da patria. Proclamação da cidade de Orense pela restauração da pátria*, Lisboa: Impressão Regia.
- R3 = [s.n.], 1808, *Batalha de Catalunha do mez de Outubro de 1808. Relação official publicada pelo General Hespanhol Caldagues*, Lisboa: Impressão Regia.
- R4 = F. I. J. C. [CORDEIRO Felisberto Ignacio Januario], 1808, *Buonaparte sem mascara. Traducção do hespanhol por...*, Lisboa: Nova Officina João Rodrigues Neves.
- R5 = [s.n.], 1808, *Carta critico-moral dirigida ao abbade Monti, encarregado pelo governo francez de escrever a vida de Napoleão... Traduzido do hespanhol por hum amigo da humanidade*, Porto: Typographia de Antonio Alvarez Ribeiro.
- R6 = [s.n.], 1808, *Carta escrita do outro mundo por William Pitt ao Imperador Napoleão. Traduzida do Hespanhol*, Lisboa: Impressão Regia.
- R7 = [s.n.], 1808, *Carta de Napoleão a seu irmão José. Traduzida do Diario de Sam-Tiago*, n.º 124, Lisboa: Typographia Lacerdina.
- R8 = [s.n.], 1808, *Carta exhortatoria de Fernando VII a todos os seus vassallos, publicada em Tui. Tambor batente, e musica tocando*, Lisboa: Impressão Regia.
- R9 = F. I. J. C. [CORDEIRO Felisberto Ignacio Januario], 1808, *Como se pensa em França de Bonaparte, ou Noticias particulares da vida deste homem...*, Lisboa: Nova Officina de João Rodrigues Neves.
- R10 = [s.n.], 1808, *Elogio da plebe da nação hespanhola*, Lisboa: Impressão Regia.
- R11 = [s.n.], 1808, *Manifesto do Reino de Murcia, a toda a Hespanha*, Lisboa: Impressão da Alcobia.
- R12 = [s.n.], 1808, *Nova proclamação dos hespanhoes aos portuguezes, extraida do Diario da Corunha de 6 de Novembro de 1808*, Lisboa: Officina de João Evangelista Garcez.
- R13 = F. J. [sic] J. C. [CORDEIRO Felisberto Ignacio Januario], 1808, *O tyranno da Europa Napoleão I. Manifesto que a todos os povos do mundo, e principalmente aos hespanhoes apresenta o Lic. D. J. A. C. Traduzido do hespanhol por...*, s.l.: s.n.
- R14 = A. M. M., 1808, *Sonho do Grande Napoleão indo dar posse do reino de Hespanha a seu irmão José. Traduzido do hespanhol por...*, Lisboa: Impressão Regia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA Evanildo, 2019, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BROCARDO Maria Teresa, 2014, *Tópicos de História da Língua Portuguesa*, Lisboa: Edições Colibri.
- CARDEIRA Esperança, 2006, *O Essencial sobre a História do Português*, Lisboa: Caminho.
- CASTRO Ivo, 2006, *Introdução à História do Português*, Lisboa: Edições Colibri.
- CUNHA Celso, CINTRA Lindley, 2013, *Nova gramática do português contemporâneo*, 6.ª ed. de acordo com a nova ortografia, Rio de Janeiro: Lexikon.
- OSÓRIO Paulo, 2004, *Contributos para uma caracterização sintático-semântica do português arcaico médio*, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- RAPOSO Eduardo et al. (coords.), 2013–2020, *Gramática do português*, 3 vols., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SAID ALI Manuel, 1964, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo: Melhoramentos.
- SILVA Jaime Ferreira da, OSÓRIO Paulo, 2008, *Introdução à História da Língua Portuguesa. Dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico*, Chamusca: Edições Cosmos.
- TEYSSIER Paul, 1980, *História da Língua Portuguesa*, tradução de Celso Cunha, Lisboa: Sá da Costa Editora.
- TEYSSIER Paul, 1989, *Manual de língua portuguesa (Portugal–Brasil)*, Coimbra: Coimbra Editora.